



Publicação semanal literaria e illustrada

Propriedade e direcção de JORGE GONÇALVES

Redacção e administração — Rua do Arco  
a Jesus, n.º 81-1.º  
Composição e impressão — Sociedade Nacional  
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM  
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado  
Avulso 2 centavos (20 réis)  
ADMINISTRADOR-EDITOR — AMADEU DE MACEDO



O fado tem por berço as estrelas rutilas d'uns lindos olhos, que são a luz fatal d'um poema. Vive, aconchegando ao peito ardente do trovador a poesia seráfica das noites, em que deslumbra no céu astreo a emelia branca do luar. Não morre. Adormecemos, sim, um sonho de quimera, enquanto o definhar lento da alma se aperta nos laços da saudade, bordão a que nos arimamos até que se evole para bem longe... a essencia da vida.

O fado é o emblema da melancolia!... E' tão solene como a lampada que, na nave da egreja cristã, em homenagem sentida a Libitina espalha tonalidades de brocatelo sobre a eça.

Porto, outubro de 1916.

Maria Emilia da Rocha Pereira.

### O nosso jornal e os nossos amigos

Varios assinantes nossos que, indubitavelmente, tem por este semanario uma acrisolada simpatia, desenvolveram ultimamente uma grande propaganda pelas pessoas de suas relações angariando para a Canção de Portugal um consideravel numero de assinaturas. Penhorados por tão cativante prova de afeto dispensada a esta publicação, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso reconhecimento.

Jornal do povo, não temos ainda uma vida desafogada, se todos aqueles que nos leem e tem pela Canção de Portugal amor e estimo, quizessem secundar o esforço carinhoso dos nossos assinantes a que vimos de referir-nos, o nosso modesto jornal tomaria sem duvida um extraordinario incremento. Era tão facil obter esse almejado desideratum...

### Aos nossos assinantes

Já começamos a enviar para o correto os recibos de cobrança das nossas assinaturas, cujo pagamento é adiantado. Aos nossos assinantes pedimos que os satisficam nas respectivas estações postais evitando assim a devolução, que nos obrigará a reender-lhes o jornal.



## Francisco Viana

Ha cerca de vinte anos, quando a Cacicla, a saudosa e linda Cacicla, ainda nos empolgava com os seus deliciosos improvisos, fazendo-nos ouvir a sua voz fremente, apaixonada, nas doces e sentidas inflexões dos mais belos e nacionalissimos fados, principiou a desenhari-se, no fundo luminoso do écran fadista d'esse tempo, a silhueta esfumada de Francisco Viana, o simpatico poeta e melodioso cantor do nosso semanario hoje dá á estampa, e a quem os devotados admiradores da popular canção mais vulgarmente conhecem pelo cognome de Vianinha.

Solicitado, então, por inumeros amigos e fidalgos amadores da dolente trova, para abrilhantar as festas e patuscadas onde o Fado tinha assento e primazia, depressa se evidenciou e hoje, entre todos os modernos cantadores, entre aqueles que mais particularmente se tem notabilizado na interpretação d'essa sublime expressão da alma portugueza, ocupa, incontestavelmente, Francisco Viana, um lugar de destaque, como poeta, em delicadissimas e soberbas inspirações, e como cantor, nos seus maviosos e divinos fados.

Operario honesto e diligente, Francisco Viana aloja na alma uma grande paixão pelo Fado, e a sua garganta, em suaves e ternas modulações, ritorneia de uma for-

ma admiravel, com veemente e maguada saudade, esses emocionantes fados da sua fecunda imaginativa.

E, se as horas passadas na louca embriaguez das guitarradas noturnas, nas esturdias de fora de portas ou nas ruidosas ceias, o alegrem, o excitam, não lhe roubam, contudo, ao seu primoroso canto, a feição melancolica que lhe é predominante, aquela profunda sentimentalidade que nos comove e nos recorda saudosamente longinguas e passadas venturas, que nos mergulha em dolorosa e pungente tristeza ou nos arrebatam em éstos de exuberante claridade.

Ha vinte anos, pois, que Francisco Viana canta o fado, e ha vinte anos que nós, strenuos e ardentes defensores d'essa imortal trova, escutamnos sempre com o mesmo fervor e entusiasmo, os enternecidos e transcendentis rquebros do seu inegualavel fadinho, ao dolorido e inspirado trino da sua estremeçada guitarra.

Eis porque a consagração do seu laureado nome é um dever imperioso que a Canção de Portugal gostosamente cumpre e uma justa homenagem a que eu sinceramente me alio, com todas as véras da minh'alma de verdadeiro amigo e admirador.

A. C. de S.

Augusto C. de Sousa

DA SEVERA Á CACILDA

## OS BONS TEMPOS DO FADO

(Recordações de um contemporaneo)  
(Continuação)

Deram duas horas. Ao ruído incessante, ensurdecedor, de ha pouco, sucedera rapidamente a paz, a quietude, apenas cortada pelo bater forte de portas que se fechavam, de passos ritmados que se afastavam. Saímos do café, e, enquanto, já fóra da porta, me despedia, agradecendo ao bom velhote a sua interessante palestra aqui por mim desprezenciosamente revelada, os varredores, ao monotonno compasso de pesados tamancos e de ramosas vassouras, arremessavam-me ás faces densas nuvens de miasmatica poeira. Perto d'ali, em expectante attitude, um sonolento policia bocejava á lua, que corria pressurosa a esconder-se entre as montanhas do firmamento.

Durante algum tempo ainda, divaguei errante pelas ruas adornecidas da Baixa, e, pensando sempre na extraordinaria, vivaz e saudosa reminiscencia d'aquello velhó que ha pouco deixara, parei junto á Tendinha, quando soavam, lentas e vibrantes, as tres horas no cançado relógio do velho Carmo. No Rocio, mergulhado nas pesadas sombras d'aquella noite de novembro, extranho e profundo silencio reinava, enquanto eu me quedava absorto, contemplando os anemicos candieiros da publica iluminação, que lutavam, vacilantes, com a penumbra que os envolvia.

N'isto, a perturbar o sepulcral silencio, rasgando o denso negrume d'aquella memoravel noite, troou, cava e secca, como um toque de castanholas, a gargalhada



acérba, irritante, de um escanzelado sereno, que mais além, perto da Boia, despretava em vão os estafados e dorminhocos penos.

Nunca me causou tanta tristeza esse extenso quadrilatero... esse secular teatro de tantos acontecimentos historicos!...

E, impressionado com o que ouvira, confrangido com o que via, apressei-me a regressar a casa, aonde em breve, n'um sonho agitadissimo, cheio de alucinações,



—talvez como aquele que perturbou os últimos momentos de Napoleão, em Santa Helena, e em que o famoso general, julgando-se ainda o arbitro dos destinos do mundo, proferia palavras soltas de comando julgando vêr avançar pelo espaço, de envolta com as nuvens, em busca de novas glórias, a brilhante cavalaria de Murat, a stoica divisão de Ney,—em via passar pela minha mente excitada, e com rapidez com que correm as fitas animatógraficas, primeiro as luzidas cavalgadas de fidalgos amadores e toireiros, a seguir as *traquinatas* ou *tipóias*, de escantilhão, conduzindo as irrequietas e fadistas borboletas, seguidas de perto pelos toiros que, guiados pelos cabrestos, ladeados pelos campos de característicos trajes, e excitados pelos gritos alegres e pelos assobios d'aquela estouvada *súcia* se dirigiam na *ponta da unha* para o Campo de Sant'Ana. Depois as deslumbrantes toiradas, de lances arriscados e imprevisos, e em que os lidadores, saudando a delirante e entusiasmada assistência, risonhos e apurados nas suas elegantes e vistosas fardas, avaravam no ar, de mistura com beijos, as rosas que as damas lhes lançavam, em homenagem ao seu garbo, como premio ao seu arrojio. Depois... depois as inolvidáveis e amaralvadas ceias, com moce-tonas de fartas tranças e doiradas *aficinas* nas orelhas, chaile em bico e chinil-linhas de verniz, espontadas a branco, na ponta do pé. Depois os maravilhosos e in-termináveis descantes fóra de portas, as copiosas libações por horas mortas, as cenas de valentia, e, por fim, ali perto, muito perto, acompanhando o gemente trino de uma chorosa guitarra, a voz triste e maguada de uma formosa cigana, talvez o premio do vencedor de uma d'essas cenas, a murmurar baixinho, muito baixinho, como num suspiro, a mais entemecedora quadra que tenho ouvido:

Se vires a mulher perdida  
não a trates com desdem,  
porque Deus também castiga  
não diz quando nem a quem.

Que sonho!... Que extravagante sonho!  
Já lá vão dezoito ancs!...

\*FIM.

NOTA—Do nosso presado amigo e distinto poeta operario Domingos Serpa, recebemos uma carta em que nos declara não ser da sua autoria a quadra que se lhe atribue, publicada no numero de 12 do corrente do nosso semanario, na secção «Os bons tempos do fado». Confessa, porém, o nosso amigo, que a dita quadra foi por ele um pouco alterada e glossada ha uns vinte e cinco anos, e d'ali resultou, talvez, a natural confusão do nosso informador de ha dezoito anos.

Registrando a nobre conduta d'este nosso velho amigo, fazemos a devida aclaração como é seu desejo, crendo, assim, pôl-o a bem com a sua consciencia.

A. C. de S.

## Em defeza do Fado

IV

Os sete quesitos do sr. *Alberto Lopes*, são, por assim dizer, *sete limões*, com os quaes s. ex.<sup>a</sup> pretende fazer uma saborosa limonada para refrescar-nos a gula esquentada pelo fogo sentimental da poetica trova portugueza, mas que—talvez pelo abuso do alvissimo e brilhante assucar cristalizado com que a adubou e ainda pelo pouco sumo de que os limões dispunham,—não logrou apagar da nossa boca o gosto perfumado do fadinho que é ainda, para nós, um *doce infavel*, que não nos provoca sede! Dito isto, vamos espremer o

1.<sup>o</sup> *limão*—Não, meu amigo; os artistas não admiram, nem podem sentir o fado!

Parece depreender-se—pelas entrelinhas d'este curto periodo—que o sr. *Alberto Lopes* é artista. Se o é, ha de permitir que lhe diga que *fraco artista é aquele que não sente o Fado!* Diz Guyau: *A Vida, a Realidade, eis o unico fim da Arte.* A Arte não é, todavia, apanagio só dos desenhadores, esculptores, pintores. Não. Ser artista, é amar o Belo, ainda mesmo que o não saibamos realizar! E, neste caso, estão os criticos da Arte—em qualquer das suas manifestações—que, amando o Belo, idólatrando a Estetica, adorando o Sentimento, são tambem artistas porque *sentem*, embora não saibam realizar ou conceber. Mas a sua palavra autorisada de conhecedores é sempre escutada com interesse e com respeito, quando o critico tem alma de artista e *sabe vêr*, por isso que *sabe vêr* é tambem uma forma de Arte. E os grandes artistas—os que concebem—não duvidam seguir os conselhos dos criticos de talento, e é sempre com um critico recolhimento que lêem ou escutam a opinião dos grandes mestres da Critica. Assim, quando um critico de Arte condena no todo ou em parte, uma estatua, uma tela, um desenho, uma partitura, uma obra dramatica, um trabalho poetico, ninguém vae dizer-lhe: *Venha você fazer melhor!* Evidentemente que ele o não faria, porque não possui o poder da realisação. O certo, porém, é que: soube vêr e apontar-lhe os defeitos. Logo, o critico—digno d'este nome—tambem possui alma de artista. E a *alma do artista é una e indivisivel*, é inata no homem, porque é a expressão concreta do Sentimento. *Ipsafacto*, resulta que o Sentimento é uma das maiores, senão a maior, manifestação da Arte. Qual é, pois, a pedra basilar do Fado? E' o Sentimento.

Por consequencia, sendo o Sentimento uma fórmula d'Arte e de Beleza, os artistas *amam e sentem o Fado*, ao contrario do que

### Errante

Lá vae êle: e, quando passa  
E se descobre a pedir,  
Quantos á sua desgraça  
Lhe voltam costas, a ri!

Se ás portas dos abastados  
Ele pára, a pedir pão,  
Dão-lhe insultos os criados...  
Dá-lhe dentadas o cão!

E o triste vae mais além  
Com seu fado e sua cruz...  
Não se importa, sabê bem  
O que o desprezo traduz.

Pobres'nho, ás vezes, chora  
Quando lhe lembra o passado...  
Mas lá vae, estrada fóra  
A cantar um triste fado!

Quantas vezes êle diz:  
—O riso d'uma criança  
Me basta para ser feliz...  
Dá-me coragem e esp'rança!

—Não tenho pão, nem abrigio,  
Nem de afetos a doçura?...  
Mas tenho a lira comigo,  
E, tã-la, já é ventura!

Montemór-o-Novo

Celeste Scheidecker.

### Lira do Fado

Com violetas e rosas  
Vou minha lira adornar;  
Quero vêr se as mariposas  
Tambem a vão oscular.

As nuvens andam dançando  
A' noite em redor da lua...  
A lira vae soluçando  
Os seus pezares pela rua...

Anda a lua despeitada  
Porque afago a lira ao peito...  
Pois se é ela a minha amada,  
Julgo estar no meu direito!

Vê como a lua respeita,  
O' lira o teu soluçar!  
Vê lá tu se ela se deita -  
Sem que tu te vás deitar!...

Quando eu me deito doente,  
A lira, é minha enfermeira...  
Oscula-me ternamente  
E adormece á cabeceira!

Andas-me sempre a dizer  
Que o Fado traduz desdem,  
Mas, quando o ouves gemer  
Porque soluças tambem?...

Montemór-o-Novo

Albino de Jesus Scheidecker.

afirma o sr. *Alberto Lopes* que, repito, deve ser muito fraco artista, pelo menos como critico, por isso que não sente. Os atores, os poetas, os escritores, os maestros amam e sentem o Fado, incontestavelmente. Sentem-no os atores porque o cantam; sentem-no os poetas porque para elle escrevem inspiradas quadras e glosas; sentem-no os escritores porque em prosa o descrevem, o exalçam e o historiam; sentem-no os maestros porque o compõem c, sobre o seu *motivo*, se inspiram para conceber partituras repassadas de sentimento, bebido na sua fonte de origem e propriamente organica:—o Fado.

Não pôde haver sobre este assunto duas opiniões, nem um unico argumento de peso que possa deitar abaixo o que fica dito. A Logica é indestrutivel!

Citemos, todavia, alguns nomes de artistas cujo talento, ou antes, a maior razão da gloria que lhes aureola a frente em vida ou lhes abriu as portas d'oiro da Imortalidade após a morte, consiste principalmente no facto de eles amarem e sentirem o Fado: No teatro, Julia Mendes, Maria Vitoria, Carmen Cardoso, Mercedes Blasco, Rafaela Fons (repare o sr. *Lopes* que estas tres ultimas artistas são hespanholas e amam e sentem o Fado!), Angela Pinto, Adelina Abranches, Aura Abranches, Emilia d'Oliveira, Auzenda d'Oliveira, Ema d'Oliveira, Justina de Magalhães, Maria Pinto, Delfina Vitor, Medina de Sousa, Zulmira Miranda, Tina Alves, Elisa Santos, Irene Gomes, Filomena Lima, Almeida Cruz, Antonio Sá, Amadeu Ferrari, Telmo Larcher, Sales Ribeiro, Alvaro Barradas, José Moraes, Pinto Ramos, Estevam Amarante, Henrique Alves e outros muitos. Na musica, Alfredo Keil, Antonio Taborda, Manuel Augusto Gaspar, Antonio Fernandes Fão, Ciriaco de Cardoso, Filipe Duarte, Manuel Benjamin, Rey Colaço, Julio Neuparth, Tomaz Del-Negro, Luz Junior, Carlos Calderon, Pascoal Pereira, Hugo Vidal, Alves Coelho, Bernardo Ferreira, Nicolino Milano, Assis Pacheco (estes dois são-brazilieiros), Alfredo Mantua, Wenceslau Pinto, Vasco de Macedo, Luiz Figueiras, etc., etc.

E' ainda de conveniencia maxima constatar aqui que o notabilissimo maestro Alfredo Keil não foi só o musico illustre que produziu paginas formosissimas, mas tambem um poeta de destaque e um pintor apreciavel. Pois, áparte os fados que es-maltam os seus trabalhos liricos, existe tambem um fado inédito do grande compositor cujo autografo está na posse do distinto guitarrista Carmo Dias a quem Alfredo Keil não ofereceu como testemunho da sua muita admiração por este artista.

Na prosa e no verso, Manuel Maria Barbosa do Bocage, Visconde de Castilho, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, D. João da Camara, Acacio de Paiva,

Schwalbach, João Penha, Correia de Oliveira, Angelina Vidal, Julio Dantas, Gomes Leal, Cardoso Marta, Augusto Gil, Augusto Pinto, Afonso Lopes Vieira, Bento Mantua, Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, Pinto de Carvalho (Tinop), João Bastos, Penha Coutinho, Hilario, Bento Faria, Artur Arrigues, Alberto Barbosa, Fernandes Costa, Vicente Arnoço, *Esculapio*, Pereira Coelho, Gustavo Sequeira, Luiz Galharado, Guedes de Oliveira, Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa, Lino-Ferreira e outros muitos dramaturgos, poetas e produtores.

Ora, se todos estes nomes—que são uma parte minima—não são realmente nomes de artistas que *amam e sentem o Fado*, eu fico então julgando que a Arte é pertença exclusiva do sr. *Alberto Lopes*, e.s. ex.<sup>a</sup> o seu supremo sacerdote...—Vamos, porém, ao

2.<sup>o</sup> *limão*:—... porque o fado, em si, não vale nada, não é nada!

Perdão, sr. *Lopes!* Está em erro... O Fado, em si, é *tudo*, e *vale tudo!* Provém-o, devagarinho, que isto não vae a matar.

(Continúa.)

Ávelino de Sousa.

## QUADRAS

(Para o Fado amoroso de Pedro Gomes da Silva, publicado no nosso numero anterior.)

A suspirar eu pedia:  
-Dae-me vida e luz, meu Deus!  
Ouvia-me Ele, e vae um dia  
Enviou-me os beijos teus!

Os beijos que me mataram  
Como os judeus a Jesus,  
Os beijos que me levaram  
Ao Calvario, á Morte, á Cruz!

N'esse leque não encubras  
O teu rosto, oh Benquerida!  
P'ra que teus olhos descubras  
E possas tirar-me a vida!

Nas guitarras vibram dôres,  
Adeus! gela-se-me o sangue...  
Não tarda muito que as flôres  
Cubram o meu corpo exangue!

Açores

Olimpia Gomes da Silva.

Publicam-se todos os originaes que nos sejam enviados da provincia desde que sejam escritos em harmonia com a indole do nosso jornal e que noticiem festas populares ou particulares onde se salientem as canções portuguezas.

## Fado Vimioso



Subscrição a favor da viuva de Carlos Harrington

Em harmonia com as palavras proferidas no discurso do nosso camarada Avellino de Sousa, quando do funeral do nosso desditoso amigo Carlos Harrington, a Canção de Portugal vem mais uma vez apelar para a magnanimidade dos seus assinantes e leitores abrindo uma subscrição para minorar a situação aflitiva em que se encontra a desditosa viuva do infelizmente poeta.

A transportar. . . . . 7\$20

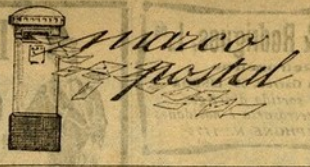
Grande sorteio do Natal

Continuamos hoje a publicar o coupon que deverá ser trocado na nossa redação por uma senha numerada, com a qual os nossos assinantes e leitores ficarão habilitados para o grande sorteio do Natal que se realizará, como temos dito, no dia 24, na presença de um representante da autoridade.

Os nossos assinantes e leitores de Lisboa recortarão o coupon e trocá-lo-ão, quando quizerem, na nossa redação, pela respectiva senha. Quanto aos leitores e assinantes da provincia juntarão os referidos coupons enviando-os depois em carta fechada juntamente com uma estampilha de 25, a fim de lhes remetermos as respectivas senhas.

Como os nossos leitores tem visto pelos numeros anteriores, ofereceram-nos gentilmente brindes para este concurso o distinto ator Jorge Grave e as acreditadissimas casas commerciaes: O Barateiro dos Paulistas, da calçada do Combro, n.º 91 e 93 e largo do Poço Novo, 16 e 17, estabelecimento de camisaria, fanqueiro, retrozeiro e modas, onde os freguezes recebem bonus em triplicado; a firma Julio Gomes Ferreira & C., com casa de candieiros e fogões, na rua da Vitoria, 82 a 88; a alfaiataria Manuel da Costa, na rua da Esperança, 93 a 97; a importante fabrica de lanifícios de Figueiredo & C.ª, na rua Duarte Galvão, 22, Bemfica; a Casa das Bengalas, na rua da Prata; a papelaria Serra & C., da rua do Ouro, 72; a Casa Tokio, mercearia e pastelaria, na calçada da Estrela, 45; o sr. Adriano Mourão, desenhador de retratos a crayon, na rua da Estrela, 15, 1.º D. e o distinto artista Rocha Vieira.

Tambem o distinto «costumier» sr. Fernando do Nascimento Ramos de Oliveira, proprietario do acreditado Guarda-roupa Cruz, da rua do Mundo, nos ofereceu para este concurso um «costume de Severa», para creança, desejando assim engrandecer os premios que a Canção de Portugal oferece aos seus leitores.



Henrique Martins Peralta—Comquanto o amigo escreva n'uma orthographia que nada tem de aperaltada, nós prometemos vestil-a de lavado e publicarmos os seus versos em momento oportuno. Não é por favor, mas porque tem algum miolo.

Daniel J. Carrasqueiro—A sua decima Moraes haste despida, bem como a cantiga A Canção de Portugal, são de tal modo cégas, que não podem ver a luz da publicidade! Não ha Gama Pinto que as salve, pobrestas!

Alfredo Bombeiro—Coimbra, terra de amores! Gostámos muito da peça com este titulo, original do dr. Vicente Arnosso, Mas, da sua canção, nós gostámos nada! Poz-nos os miolos a arder, sr. Bombeiro!

Julio Pinheiro A.—Se o Pinheiro é bravo, desbrave-o enquanto é tempo. Nós temos mais que fazer.

P. G. Q.—(O. ou O., não se percebe bem). As suas trovas compõem-se de dezesse tempo-dras. Quando um dia tivermos pachorra e tempo, faremos a diligencia por aproveitar 3 ou 4, porque as restantes, caro amigo... nem falar n'isso é bom!

J. Tomaz da Silva—A sua quadrã esteve na Rotunda, ou andaria envolvida no 14 de maio? Se foi em alguma d'essas freguezas que a pobrestia se aleijou, faça-a reconhecer revolucionaria civil pelo parlamento... E' o unico meio de a colocar.

Henrique Martins Vagueiro—Caro amigo, a sua Desventura errou o caminho... Isso é com o Dias Amado!

Pernas de Aranha—Mais pernas do que a aranha, tem o 3.º verso da sua quadrã! Entenda-se a fazer teias...

Leigo—A sua quadrã, chegou tarde. Já tinha partido o comboio! Antonio Pessoa—Não chegou a tempo. Como velhos aliados da Inglaterra, adoramos a pontualidade inglesa.

Virgilio—A sua quadrã já foi publicada com o pseudonimo de Farnaso. Somos inimigos do Bis. E' uma grande maçada para os artistas.

A. Brito—Não ha Brito; ha asneira na metrica!

Airas Javares—Com que enfião o cavalleiro aleija os versos e ainda por cima quer estalar as cordas á guitarra? Melhor sorte ele tenha...

Jaime Silveira—A sua guitarra está desafinadissima e não dá pela escala!... Mal, por mal antes um realejo.

Narciso Alv. s Xavier—Os seus versos A minha mãe, não podiam ter melhor intenção. O titulo lhe basta. Mas os versos... oh!...

Domingos Serpa—A sua trova espera o momento oportuno para ver a luz da publicidade. Não ficará no rol dos esquecidos, pois que está garantida pelo nome do seu inspirado autor.

Julio Branco—Ainda não lêmos os seus Devaneios... São tão grandes, e o jornal tão pequenino...

Chico-urdidor—Os seus versos O Fado não estão mal urdidos de todo, mas... é preciso tempo e espaço para os urdir melhor.

Jesé de Terena—Para que nos mandou o amigo uma quadrã solta? Se é para o concurso, veja tarde. Se é para a glosaríamos, falta-nos o tempo!

João Branco—Os seus cantares hão de sair um dia, e ha de ser ao sabado.

Francisco Fernandes—Afinal, quantos autos tem a quadrã que nos enviou? O sr. Francisquinho está a chuchar com a gente... Ou quer que lhe gabemos o bom coração por adotar os filhos de outrem?

Franco Martins—Estamos fartos de dizer que o concurso das quadrãs terminou no dia 12 de outubro! Julgam que não temos mais que fazer? E logo duas, sr. Franco... Já é franqueza!

A. C. C. (Souveia)—Se a sua glosa não foi publicada, é porque chegou tarde. E, n'esse caso, foi para o lixo.

Atlantico (Nazare)—O cavalleiro tem a mesma doença do sr. Franco Martins, a que n'esta secção nos referimos. Anda atrazado...

Mario Augusto Cabral—Os artigos que tem sido—aparte o que se intitula Em defeza do fado—são todos mais antigos do que Os canticos da nossa terra. V. ex.ª ha de convir que o jornal é muito pequenino e que, não é por falta de vontade, mas de espaço, que o seu artigo ainda não saiu. Se dissemos que sairia no numero seguinte, cometeremos um erro de que nos desculpará. Se temos tanta coisa adeante!...

Damasio Meyer—Veja a resposta que damos aos sr.ºs Franco Martins e Atlantico. Quando é que faz anos para lhe oferecermos um calendario?

Serep—Lá chegaremos. O original é ás carraças, todas as semanas. Nem seis jornadas chegariam para tanta colaboração! E' preciso paciencia...

Hippolito Damaso—A sua Arrependida, é muito bonita, mas não ha remedio senão fazel-a esperar a sua altura.

Teocosta—Ha de ser-nos muito difficil publicar sonetos enquanto não pidermos inaugurar uma secção propria.

Málvia Doris—Somos incapazes de ofender seja quem for, e muito menos uma senhora. Na nossa linguagem não ha, crêmos, frases equivocadas ou incorrêtas. Apenas pretendemos chalaçar e nada mais. De resto, temos infumeros colaboradores do sexo a que v. ex.ª pertence, com quem já por vezes temos brincado n'esta secção, sem outro intuito que não seja, como já dissemos, o de chalaçar. V. ex.ª, todavia, nos perdoará na sua infinita misericordia... Quanto ás quadrãs, vamos lê-las.

A nossa sucursal

Com o fim de facilitar-nos as nossas relações com o publico, obtivemos do proprietario da acreditada Tabacaria Saraiva, em frente da sacristia de S. Domingos, 4 e 6, a amabilissima cendencia da sua casa, para ali installarmos a nossa sucursal. N'esse conceituado estabelecimento recebem-se assinaturas para este semanario, vendem-se coleções completas ou quaesquer numeros soltos e aceitamos os originaes que os nossos colaboradores porventura ali queiram deixar endereçados á nossa redação. E', pois, um melhoramento por meio do qual o publico evita a maçada de ir mais longe, porquanto a tabacaria Saraiva está situada n'um dos pontos centraes da capital.

BEBAM A FINISSIMA Agua do Alardo A MELHOR DE MEZA

Os ultimos versos de Carlos Harrington

ADEUS!

A' memoria de Luiz de Ataíde e á amizade de Jorge Gonçalves

MOTE

Eram tres irmãos unidos mas, foi-se um p'ra não voltar... Agora vou eu partir, ficas tu p'ra nos chorar.

GLOSAS

Os tempos que já lá vão do um boémio frenezi só deixaram, após si, a doce recordação! O Luiz, do frio chão, não pode soltar gemidos... Mas os meus bem doloridos lembram o tempo feliz!... —Jorge, Carlos e Luiz eram tres irmãos unidos.

Havia a sã mocidade, embora pouca fortuna... Mas enchia essa lacuna a nossa boa amizade! Folgar, folgar á vontade sem no futuro pensar... Eis a fortuna sem par que ligava nossas mãos! Eramos bem tres irmãos, mas, foi-se um p'ra não voltar!

A morte, a negra ceifeira, levou Luiz de Ataíde e no seu crime reincide junto á minha cabeceira. Essa boca de caveira que se estorça por sorrir quer-me tragar, quer agir com seu poder e coragem... —E para a eterna viagem agoia vou eu partir!

Assim dou por terminado meu viver, quasi sem pena porque, quando a Morte ordena o remedio é ser ceifado! Cumprindo assim o meu fado o bom Luiz vou beijar... E oxalá, p'ra quem ficar, que o mundo penas não forje... —Adeus, pois, meu caro Jorge, ficas tu p'ra nos chorar!

Outubro, 1916. Carlos Harrington.

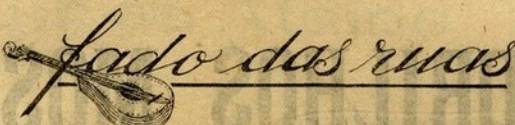
Ávelino de Sousa

Pede-nos este nosso amigo e colega [de redação, que demos publicidade á seguinte carta:

Ilustre camarada, presidente da commissão administrativa da Caixa Economica Operaria. —Só hontem, domingo, 19, tive conhecimento da vossa carta, enviada para a redação da Canção de Portugal e datada de 14, na qual me é notificado que vae realizar-se no proximo domingo, 26 do corrente, no salão d'essa colectividade, uma festa de homenagem á minha humilde pessoa. Embora penhorado com a amabilidade da lembrança, venho rogar-vos a fineza de pordes de parte a idéa, porquanto nada fiz de tal mereça e não falta, entre os cultores da poesia popular, quem, mais do que eu, mereça tal destaque. Se quereis, de qualquer modo, ser-me agradavel, dir-vos-hei que a melhor homenagem a prestar ao meu modestissimo nome consiste tão sómente em deixar que ele viva, como até aqui, envolto no espesso manto da obscuridade, que éapanagio dos humildes.

Agradeço, pois, a gentileza da vossa lembrança, que não posso nem devo aceitar, e subcrevo-me com muita consideração Lisboa, 20 de novembro de 1916.

Vosso camarada Ávelino de Sousa.



Fragilidade

(A Jorge Grave).

MOTE

Teu corpo vestia lã, hoje que veludo veste ha quem diga que subiste mas eu creio que desceste!

GLOSAS

Quando em torno da herdade voltavas, moça linda, o teu rosto tinha ainda um cunho de ingenuidade. Sorria-te a felicidade robusta, moça, louça, pois eras, gentil aldeã meiga, casta, ingenua, pura! Desconhecendo a Impostura teu corpo vestia lã.

Porém, um dia a Ambição o teu cerebro toldou... Então, tudo em tí mudou por vergonhosos irrisão. Fugindo da aldeia, então, para a cidade vieste, teu candor ao mundo deste trocando a lã por brocado... Mas, teu corpo está manchado hoje que veludo veste!

Hoje, essa seda ondulante que te envolve, presumida, faz-te viver esquecida da aldeia pobre e distante! E desces a cada instante, porém, tu, vaidosa, ris-te porque julgas que atingiste a mais suprema miragem... Por andar's de carruagem ha quem diga que subiste!

Era justo que passasses a andar de trem nas orgias, porque a pé, te confundias com a lama que pisasses... Feliz eras se ficasses n'essa aldeia onde nasceste, porque ao deixal-a perdeste toda a pureza que herdaste... E julgas que te elevaste, mas eu creio que desceste!

Ávelino de Sousa.

A CAMPONEZA

A Ávelino de Sousa

MOTE

Vem comigo, camponeza, para a cidade gosar abandona essa pobreza, foge d'esse triste lar.

MOTE

Faz pena, com essa idade, levar's vida tormentosa... Anda d'at p'ra cidade, serás feliz, venturosa! E'as tão gentil e mimosa, tão grande é tua beleza, que has de gostar, com certeza, de luxo, sedas, brilhantes... —Seremos ternos amantes vem comigo, camponeza!

—Não vou, senhor morgadinho, sou feliz com minha mãe: Meu amante é o moinho, e que voz linda que ele tem! Deixe-me estar que estou bem, quero a vida aqui passar, o ar belo respirar pois aqui bem feliz sou... obrigada, mas não vou para a cidade gosar!

—E's bem tola rapariga se comigo não queres vir... Moinho!... Triste cantiga, que até aborrece ouvir! Porque não me quer's seguir anjo de graça e pureza? Tu desprezas a riqueza e as promessas que te fiz?!... Oh! Vem, vem, serás feliz, abandona essa pobreza!

—Compreendo-o, meu senhor, mas do moinho o cantar vale mais, posso-o jurar do que o seu ardente amor! Sou ainda tenra flor cujo aroma obriga a amar... Se da haste me arrancar logo murcho é... cáio ao chão! Nunca mais me dia, oh! Não! foge d'esse triste lar.

Jorge Grave.



**Rangel & Simões**  
 103, Rua do Carmo, 105  
**LISBOA**



Instrumentos musicos e acessórios.  
 Oficinas de reparações  
 Catalogos gratis

**Tátá & Rodrigues, L<sup>da</sup>**  
 Retrozelos  
 53, Rua Garrett, 55 - LISBOA  
 Completo sortido d'artigos de retrozaria e novidades  
 TELEPHONE N.º 1175

**Antonio Bastos**  
 Comissões e Consignações  
 Exportador de Produtos nacionais e estrangeiros  
 Rua dos Remolares, 6, 1.º  
**LISBOA**  
 TELEPHONE N.º 1487 22, Caixa no Comércio, 22  
 Endereço telegraphico ANTASTOS



**TURCO**  
 do  
**CALHARIZ**  
 Alfaiataria  
 DE  
 Miguel José Perreira  
 Atualmente:  
 Exposição das novidades sensacionais para inverno.  
 5, L. do Calhariz, 6  
**LISBOA**

**Empreiteiro**  
 Encarega-se por preços modicos de planuras, calcadas, estuques e qualquer outros trabalhos de construção civil em Lisboa e fóra.  
 C. de S. João da Praça, 108, cave  
**J. VIEIRA**

Todas as musicas de piano  
 Todos os sucessos de dança  
 Todas as novidades de canto  
 se vendem na  
**Casa Valentim de Carvalho**  
 37, Rua da Assunção, 39  
**LISBOA**

**ESTANCIA DE MADEIRAS**  
 CARPINTARIA E MARGENARIA  
**Botto Machado, Irmãos**  
**GOUVEIA**  
 Madeiras nacionais e estrangeiras  
 CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES  
*Cal hydraulica, cimentos e gazolinas*  
 Moveis em todos os estilos, ferragens, tapetes, oleados, espelhos, vidros, etc., etc. serviço de mercadorias da estação de Gouveia, para a vila.  
 Brevemente, maquinas de serração, aplamar, furar e moldar.

**R. Potau & C.<sup>a</sup>**

**FABRICA**

— DE —

**LADRILHOS MOSAICOS**

Especialidade em lavadouros e depositos de cimento armado, tinas e lava-louças de granitoide

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Agentes exclusivos da:

**URALITA**  
 Para telhados

**MOSAICOS DE LUXO SEGUI**

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

**R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa**  
 Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos

PARA TELHADOS URALITA